



History of Education in Latin America - HistELA

This work is licensed under a [Creative Commons — Attribution 4.0 International — CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Rivalidade escolar e sentidos em disputa: uma análise bakhtiniana das reportagens de *O Liberal* (1980–1989)

School rivalry and competing meanings: a Bakhtinian analysis of *O Liberal*'s reports (1980–1989)

Lorena Cristina Gonzaga Pereira

Orcid: 0009-0008-7113-6059

Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil, Email: lorena.pereira@neb.ufpa.br

Livia Sousa da Silva

Orcid:0000-0002-1652-1041

Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil, Email: liviasilva@ufpa.br

DOI: 10.21680/2596-0113.2026v9n1ID42109

Citação: Pereira, Lorena Cristina Gonzaga; Silva, Livia Sousa da. (2026). Rivalidade escolar e sentidos em disputa: uma análise bakhtiniana das reportagens de *O Liberal* (1980–1989). *History of Education in Latin America - HistELA*, 9(1). Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/42109>

Conflito de interesses: Os autores declaram não possuir conflitos de interesse.

Editora: Olivia Moraes de Medeiros Neta

Recebido: 15/11/2025

Aprovado: 26/07/2026

OOPEN ACCESS

Resumo

O artigo discute a rivalidade escolar como fenômeno social, histórico e cultural. Ancora-se em Mikhail Bakhtin e Volóchinov e adota a matriz interpretativa histórico-cultural (Xavier, 2000; Chartier, 1990; Julia, 2001) como lente analítica. O *corpus* é constituído por matérias do jornal *O Liberal*. A técnica de inventário foi empregada, baseando-se em Lopez (2002), Silva e Petry (2011), para catalogar, descrever e organizar as ocorrências que tematizam eventos escolares e manifestações cívicas. Conclui-se que a rivalidade escolar não se reduz à competição individual ou institucional, mas constitui prática dialógica e ideológica, na qual identidades, prestígio e relações de poder são construídos e negociados socialmente.

Palavras-chave: Rivalidade escolar. Produção de sentido. Matriz histórico-cultural. Análise bakhtiniana.

Abstract

This article discusses school rivalry as a social, historical, and cultural phenomenon. It draws on the work of Mikhail Bakhtin and Voloshinov and adopts the historical-cultural interpretative framework (Xavier, 2000; Chartier, 1990; Julia, 2001) as an analytical lens. The corpus consists of articles from the newspaper *O Liberal*. An inventory technique was employed, based on Lopez (2002) and Silva and Petry (2011), to catalog, describe, and organize the occurrences that thematize school events and civic demonstrations. It concludes that school rivalry is not reduced to individual or institutional competition, but constitutes a dialogical and ideological practice in which identities, prestige, and power relations are socially constructed and negotiated.

Keywords: School rivalry. Production of meaning. Historical-cultural framework. Bakhtinian analysis.

Introdução

A rivalidade escolar, frequentemente naturalizada como parte da infância e adolescência, precisa ser compreendida como um fenômeno social e cultural, produzido historicamente em contextos pedagógicos específicos. Tal perspectiva é essencial para reconhecer que a rivalidade não constitui uma característica intrínseca dos estudantes, sendo uma construção social que emerge das práticas, normas e valores instituídos pela escola (Xavier, 2000). Ao deslocar o olhar da suposta “natureza competitiva” das crianças e jovens para os modos pelos quais a escola organiza e legitima práticas de confronto simbólico, abre-se espaço para problematizar dimensões históricas, culturais e políticas desse processo.

Complementarmente, a socióloga Cristina Roldão (2016) destaca que a escola, enquanto instituição social, desempenha papel crucial na formação das identidades dos alunos e na reprodução ou contestação de desigualdades sociais. Segundo a autora, práticas escolares que envolvem competição e rivalidade — como desfiles cívicos, festivais culturais e apresentações coletivas — não podem ser analisadas de modo isolado, pois são atravessadas por fatores sociais mais amplos, como classe, etnia e gênero. Assim, a rivalidade entre escolas configura-se como espaço simbólico em que se negociam prestígio, identidade coletiva e pertencimento, refletindo e, ao mesmo tempo, moldando as relações sociais de seu tempo.

Essa compreensão se alinha à matriz interpretativa histórico-cultural proposta por Libânia Xavier (2000), inspirada em diversos autores, como Foucault, Chartier e Julia,

que desloca a análise da História da Educação para a investigação da produção histórica de práticas, discursos e representações sociais.

Ademais, a perspectiva bakhtiniana do sentido (Bakhtin, 2003) possibilita interpretar a rivalidade escolar como produção dialógica de sentidos, atravessada por múltiplas vozes — de estudantes, professores, gestores e comunidade — em constante interação e negociação. Essa articulação teórica permite compreender o fenômeno tanto em sua historicidade quanto em sua dimensão discursiva, ressaltando como práticas aparentemente banais carregam marcas profundas de disputas sociais e culturais.

Nesse horizonte, o objeto de estudo delinea-se na rivalidade escolar, entendida como prática social e cultural que se constitui historicamente nos espaços educativos e adquire forma nas interações cotidianas. Sob a matriz bakhtiniana, essa concepção desloca o olhar da rivalidade como simples reflexo de políticas institucionais para compreendê-la como enunciado social, atravessado por múltiplas vozes e ideologias.

Ao apresentar-se em desfiles, festivais e outros rituais escolares, a rivalidade torna-se lugar privilegiado para observar a produção de sentidos em disputa, nos quais se negociam prestígio, pertencimento e identidades coletivas. Em vez de ser fixa ou homogênea, se revela como campo de tensões discursivas, cujos significados se reconfiguram a cada contexto histórico e a cada interação entre sujeitos.

O problema de pesquisa que orienta este trabalho pode ser formulado nos seguintes termos: de que maneira a rivalidade escolar, longe de ser uma manifestação espontânea dos sujeitos, constitui-se historicamente como prática social e cultural, mediada por discursos pedagógicos e marcada por desigualdades sociais mais amplas?

A partir dessa questão, estabeleceu-se como objetivo geral analisar a rivalidade escolar como prática social e simbólica, articulando a matriz histórico-cultural (Xavier, 2000) e a perspectiva de sentido bakhtiniana (Bakhtin, 2003). Desdobram-se daí os seguintes objetivos específicos: (i) examinar como práticas escolares, a exemplo de desfiles, festivais e apresentações, contribuem para a produção e naturalização da rivalidade e (ii) compreender a produção de sentidos sobre a rivalidade a partir das vozes de estudantes, professores e comunidade escolar.

Desse modo, a relevância desta pesquisa se justifica em três dimensões principais. No âmbito acadêmico, oferece uma leitura crítica sobre um fenômeno ainda pouco problematizado, contribuindo para o avanço dos estudos em História da Educação e Sociologia da Educação.

Em termos teóricos, articula aportes distintos — da matriz histórico-cultural à teoria dialógica — ampliando o horizonte interpretativo sobre práticas escolares. E, finalmente, do ponto de vista social, a investigação problematiza a maneira como a escola, ao promover práticas competitivas, pode tanto reforçar desigualdades quanto criar espaços de resistência e negociação de identidades.

Em suma, este estudo se propõe a analisar a rivalidade escolar a partir de uma perspectiva teórico-interpretativa, articulando a matriz histórico-cultural e a abordagem dialógica de Bakhtin e Volóchinov. Essa opção metodológica orienta a leitura crítica das fontes e referenciais mobilizados, possibilitando compreender a historicidade do fenômeno e a produção de sentidos que o atravessa. A seguir, apresenta-se o percurso metodológico que sustenta a investigação.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa situada no campo da história da educação, sendo teórica, de natureza qualitativa e documental, cujo objetivo é analisar a rivalidade escolar como prática social, cultural e dialógica, em que os dados foram levantados na hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna, a partir de peças jornalísticas do “Jornal ‘O Liberal’”, no intervalo temporal da década de 1980. A escolha das matérias de “O Liberal”, se deve pelo fato de que é o único da cidade de Belém-PA com longevidade para atender os objetivos deste artigo. O enfoque recai, dessa maneira, sobre a construção de um quadro interpretativo capaz de iluminar como diferentes tradições teóricas possibilitam compreender esse fenômeno na interface entre discurso, história e práticas escolares.

O *corpus* da pesquisa se direcionada às matérias publicadas no mês de setembro, por ser o mês que ocorrem as festas cívicas manifestadas na Semana da Pátria, desde a abertura, ocorrida por meio dos Jogos Estudantis, as retretas, que eram as apresentações das bandas das forças militares até o dia do desfile escolar, realizado no Dia da Raça, em que muitos episódios de rivalidade emanavam durante as apresentações das escolas.

Para tanto, utilizou-se a técnica do Inventário que, segundo Lopez (2002), consiste em construir uma introdução que objetiva descrever, de forma geral, o conjunto da série investigada, bem como, realizar uma descrição por menorizada do conteúdo das fontes mobilizadas na pesquisa.

Ademais, tomando por base Silva e Petry (2011), a técnica do inventário contribui para a pesquisa histórica e sua análise, ao passo que estabelece padrões de classificação e de organização. Para este estudo, o inventário considerou as informações contidas nas peças, como: ano, título da matéria, descrição geral, escolas envolvidas, imagens e descrição de discurso. O inventário pode apresentar de forma sistematizada os dados analisados. A seguir, dispõe-se o quadro-resumo das matérias analisadas.

Quadro 1 – Resumo do *Corpus* de peças jornalísticas de “O Liberal” analisadas no estudo

ANO	TÍTULO	RESUMO
1980	Atletismo por dois mil alunos abre festas da semana da pátria. (1980, p. 09).	Abertura da Semana da pátria com os Jogos Estudantis (JOPAGICO).
1980	Nove mil escolares desfilam hoje na Magalhães Barata. (1980, p. 09).	Apresenta a programação do desfile, ordem de desfile e planejamento.
1980	Jovens homenageiam João Paulo e olimpíadas no desfile escolar. (1980, p. 06).	Cobertura em página dupla do desfile estudantil do dia da raça.
1980	Um carnaval no rastro da última banda. (1980, p. 13).	A página 13 traz a cobertura fotográfica do evento. Com amplo destaque para o CEPC, última banda a passar e as repercussões.
1981	JEPS abriram ontem com 1.700 alunos de 38 estabelecimentos (1981, p. 12)	Abertura da Semana da Pátria com o XXIII Jogos Estudantis Paraenses (Jeps)

1981	Dia da Raça levará 49 escolas e 12.300 alunos à avenida (1981, p. 12)	Apresenta a programação dos desfiles escolares.
1981	Povo lotou a praça aplaudindo o desfile (1981, p. 08)	Cobertura do desfile das forças armadas.
1981	Garbo e entusiasmo caracterizam a parada militar (1981, p. 09)	Retratam atividades desse dia envolvendo estudantes
1981	Desfile em Icoaraci: 29 escolas (1981, p. 9)	Ano Internacional do Deficiente Físico, o acesso da mulher ao voluntariado na Marinha e a campanha nacional de alimentação foram ressaltados nos desfiles das 29 escolas.
1981	Queima de fogos em Ananindeua (1981, p. 10)	Apresenta como ocorreu o desfile das escolas de Ananindeua, no dia 07 de setembro.
1982	Solenidades cívicas abrem festejos da independência (1982, p. 11)	Com invocação ecumênica a Deus, em favor da pátria, forma abertas as comemorações da semana da pátria, realizada no ginásio da Escola Superior de Educação Física (ESEFPa), com corrida do fogo simbólico e hasteamento de bandeiras.
1982	Desfile teve garbo e civismo (1982, p. 08)	Com muita vibração e civismo que estudantes das 52 escolas realizaram desfile escolar.
1983	Governador vaiado nos Jogos Estudantis (1983, p. 05)	Abertura dos Jogos Estudantis Paraenses (Jeps), no Estádio Evandro Almeida. Na ocasião, o então governador do Estado, Jader Barbalho foi vaiado.
1983	Garbo e civismo na homenagem dos estudantes (1983 p.11)	Colégio Paes de Carvalho vaia o Iep,
1984	Governo faz abertura oficial da Semana da Pátria em Belém (1984, p. 04)	Abertura da Semana da Pátria com o XXVI Jogos Estudantis Paraenses, no Estádio do Clube do Remo.
1984	Desfiles nos bairros prosseguem comemorações da Semana da Pátria (1984, p. 04)	A ideia de promover desfiles escolares em bairros agradou a população.
1984	Uma festa no desfile escolar (1984, CAPA)	Revela que a grande atração foram as bandas de fanfarra e que as escolas trouxeram inovação à avenida, com faixas que continham temas sociais. As torcidas organizadas dos colégios tradicionais deram tom de festa ao desfile.

1984	Pontualidade e organização marcaram desfile estudantil (1984 p. 08)	Pontualidade e organização marcaram o Desfile Escolar do Dia da Raça. 42 escolas de 1º e 2º graus participaram do desfile.
1985	Estudantes vão ganhar merenda após o desfile escolar hoje (1985, 1º caderno, p. 04)	A notícia informa que 29 escolas participarão do desfile do Dia da raça, em um novo local: Av. Serzedelo Correa.
1985	A juventude foi a grande homenageada no desfile (1985, 1º caderno, p. 05)	As escolas fizeram homenagem ao ano internacional da juventude.
1985	Policiais impediram a passagem dos professores logo após o desfile do Paes de Carvalho (1985, 1º caderno, p. 05)	Desfile escolar com a presenças das torcidas das escolas tradicionais. “As torcidas foram, por sinal, um dos pontos altos do desfile, alegrando o ambiente e dando um toque de festividade ao desfile. Mas foram tratadas rigidamente pela Polícia (...) Para isso não foram poupados os empurrões, além da corda de isolamento.”
1986	Estudantes lotam ginásio na abertura da Semana da Pátria (1986, p. 08)	Trata da abertura oficial da Semana da Pátria com os Jogos Escolares Paraenses, contando com a participação de 72 escolas.
1986	Protesto no desfile do Dia da Raça (1986, p. 09)	Cerca de 6 mil alunos participaram do desfile, com homenagens à Pátria, ao Ano Internacional da paz e o esporte como fator de integração. Na ocasião, houve protesto docente contra o governo estadual.
1987	Cerca de 9 mil alunos no desfile/Escolas: patriotismo na avenida. (1987, cad. Cidades, p. 27 e 28)	Escolas públicas e particulares estiveram fazendo o desfile escolar, para um número reduzido de espectadores por conta do feriado.
1988	Grande festa para os estudantes (1988, p. 05)	Abertura da Semana da Pátria e do XXX Jeps.
1988	Desfiles em Ananindeua e Terra Firme abrem a Semana da Pátria (1988, p. 05)	Dez mil estudantes, de 29 escolas desfilaram em 07/09/1988, na Av. Presidente Vargas, em comemoração ao "Dia da Raça".
1989	Jogos estudantis começam com milhares de estudantes (1989, p. 07)	Abertura de XXXI com a participação de escolas públicas e particulares.
1989	Estudantes do Guamá abrem os desfiles da Semana da Pátria (1989, p. 04)	Participação maior dos alunos em relação ao ano anterior, realizado na Tv. Castelo Branco Cerca de 3.500 estudantes de 18 escolas.
1989	Desfile escolar: homenagens, protestos e muitos policiais (p. 7)	Milhares de pessoas assistiram, ontem pela manhã, ao desfile escolar do Dia da Raça, envolvendo 29 estabelecimentos de ensino.

Fonte: Organizado pelas autoras com base nos jornais analisados (2025).

Na década de 1980, houve um total de 38 (trinta e oito) matérias dedicadas aos festejos da Semana da Pátria, contudo, detém-se, nesse estudo em 29 (vinte e nove) peças, pois focou-se nas que apresentavam referências às escolas. Distribuídas por ano da seguinte forma: 1980 – quatro (4) matérias; 1981 – seis (6) matérias; 1982 – duas (2); 1983 – duas (2) matérias; 1984 – quatro (4) matérias; 1985 – três (3) matérias; 1986 – duas (2) matérias; 1987 – uma (1) matéria; 1988 – duas (2) matérias; e em 1989 – três (3). A escolha desse interlúdio se dá pelo contexto histórico brasileiro, que vivia os anos finais da Ditadura Militar e o início do processo de redemocratização do país.

Em cada ano da década estudada, foi possível observar uma média de duas matérias na Semana da Pátria. O ano de 1987 é o que demonstrou menos achados, mas acredita-se que isso deva-se à conservação do acervo, visto que todos os jornais, desse período, foram microfilmados e muitos já estavam em condições bem degradadas para a realização do processo, segundo os profissionais da Hemeroteca da Biblioteca Pública Artur Vianna. De modo que faltavam alguns dias da série.

O referencial bakhtiniano, especialmente nas obras *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (Bakhtin/Volóchinov, 1929/1976) e *Estética da Criação Verbal* (Bakhtin, 1986), orienta a análise da produção de sentidos e da natureza polifônica dos discursos escolares. Essa abordagem permite compreender a rivalidade não apenas como prática institucionalizada, mas como arena discursiva em que múltiplas vozes — de estudantes, professores, gestores e comunidade — se confrontam, negociam e ressignificam significados sociais.

Paralelamente, a matriz histórico-cultural (Xavier, 2000; Chartier, 1990; Julia, 2001) possibilita situar tais práticas em sua historicidade, evidenciando como normas, tradições e representações sociais da escola foram historicamente construídas e legitimadas. O diálogo entre essa matriz e a perspectiva bakhtiniana amplia a compreensão do fenômeno, ao integrar a dimensão histórica e institucional à dimensão discursiva e ideológica.

A contribuição de Cristina Roldão (2016) reforça esse quadro ao problematizar as desigualdades sociais, raciais e de gênero que atravessam a escola, revelando como práticas de rivalidade podem reproduzir hierarquias sociais mais amplas. Assim, o estudo desloca a análise da rivalidade escolar do plano da suposta naturalidade para o da construção social permeada por relações de poder.

O percurso metodológico consistiu em uma revisão crítica da literatura especializada, articulando os referenciais teóricos mencionados a partir de uma leitura interpretativa das peças jornalísticas, analisadas a partir da técnica do Inventário.

A estratégia adotada não se limita a descrever ou sistematizar autores, mas busca promover um diálogo entre diferentes tradições de pensamento, tomando a linguagem e as práticas escolares como objetos de interpretação. O procedimento de análise baseou-se na identificação de categorias centrais — produção de sentido, historicidade das práticas escolares — e em sua articulação no contexto da rivalidade escolar.

Por esta razão, a metodologia proposta sustenta-se na construção do inventário, que permite uma lente analítica capaz de apreender a rivalidade escolar em sua complexidade: como prática historicamente situada, como produção discursiva de sentidos e como expressão de tensões sociais mais amplas.

Rivalidade escolar como produção dialógica de sentido

Para Volóchinov (1929/1976, p. 86), “o enunciado existe sempre em interação com o outro, não é jamais isolado; ele é determinado pelo contexto social e ideológico em que circula”. A rivalidade escolar, expressa em desfiles, festivais e apresentações públicas, exemplifica essa interação: cada escola, ao organizar e apresentar seu desfile, responde não apenas às normas institucionais, mas às expectativas de outras escolas, da comunidade e dos sujeitos que a observam.

O sentido da rivalidade não é pré-determinado; ele é construído nas interações sociais e na negociação entre vozes. Um desfile, por exemplo, pode gerar prestígio, orgulho, pertencimento ou competição percebida, dependendo do contexto social e das interpretações dos atores envolvidos. Bakhtin (1986, p. 90) reforça que “o significado de uma palavra ou de uma prática social nunca é estático; ele vive na interação com outros significados e outros sujeitos”.

Para Volóchinov (1929/1976, p. 86), “o enunciado existe sempre em interação com o outro, não é jamais isolado; ele é determinado pelo contexto social e ideológico em que circula”. Essa afirmação é fundamental para compreender a rivalidade escolar para além de uma manifestação individual ou espontânea: se revela como prática discursiva e socialmente situada. Os desfiles cívicos, festivais e apresentações públicas constituem enunciados coletivos, tecidos em relações de alteridade, nos quais cada escola responde não apenas às exigências institucionais, mas também às expectativas da comunidade, da mídia e, sobretudo, das demais instituições escolares que compartilham o mesmo espaço de visibilidade.

Logo, segundo Silva (2020, p. 14), a Semana da Pátria era dada por uma organização em que conjugava reverência às autoridades e aos símbolos nacionais e conseqüentemente ao regime, que era consolidada pela presença sempre numerosa de público e adesão de escolas e quantitativos de alunos. Essa articulação simbólica atendia à objetivos próprios não só do regime militar, mas de um construto imaginário de República e Cidadania que se atualiza como narrativa mítica no intercurso dos diferentes períodos históricos, desde a Proclamação da República. Um investimento liberal histórico para as juventudes das camadas populares e para a manutenção das estruturas que soerguem as desigualdades.

Importa salientar que o sentido da rivalidade, portanto, não é pré-determinado ou fixo; ele emerge das interações concretas, das negociações entre vozes sociais e da historicidade dos eventos. Como lembra Bakhtin (1986, p. 90), “o significado de uma palavra ou de uma prática social nunca é estático; ele vive na interação com outros significados e outros sujeitos”. Nesse horizonte, a rivalidade escolar não pode ser reduzida a um “espírito competitivo” ou a uma “tradição cultural”, mas deve ser interpretada como espaço de disputa de sentidos, em que orgulho, prestígio e pertencimento são constantemente negociados.

Além disso, a perspectiva histórico-cultural reforça que tais práticas não são neutras. Como observa Xavier (2000, p. 45), “a escola é lugar de produção histórica de representações e de legitimação de valores sociais, ainda que sob a aparência de neutralidade”. Assim, o desfile escolar, ao mesmo tempo que constitui momento de celebração coletiva, funciona como dispositivo de diferenciação simbólica, em que escolas e comunidades locais se veem hierarquizadas por critérios de disciplina, estética e desempenho. Chartier (1990, p. 23) já advertia que “as práticas culturais são sempre lugares de luta simbólica”, nos quais se inscrevem disputas por legitimidade e reconhecimento.

A análise dialógica permite perceber como, em um mesmo evento, múltiplas vozes atravessam a cena: gestores escolares, que buscam afirmar a imagem da instituição; professores, que investem em seus alunos como forma de capital simbólico; estudantes, que experienciam sentimentos de pertencimento ou de exclusão; e a comunidade, que valida ou questiona os critérios de prestígio. Como sintetiza Bakhtin (2003, p. 279), “toda palavra comporta duas faces: uma volta-se para o sujeito falante, a outra para o interlocutor”. No caso dos desfiles, a escola fala para si mesma, reafirmando sua identidade interna, e, simultaneamente, para o outro — as demais escolas, as autoridades e a sociedade — instaurando a rivalidade como categoria de reconhecimento social.

Desse modo, a rivalidade escolar deve ser compreendida como fenômeno atravessado por historicidade, ideologia e dialogismo, no qual se articulam práticas institucionais e representações sociais. O desfile não é apenas uma apresentação estética, mas um enunciado carregado de sentidos, que se transforma de acordo com o contexto histórico e social em que é produzido e interpretado.

A literatura sobre práticas escolares competitivas tem apontado que a rivalidade entre instituições não se restringe ao âmbito pedagógico, mas se inscreve em processos mais amplos de produção de identidades, prestígio e distinção social. No campo da História da Educação, Julia (2001, p. 12) observa que “a cultura escolar é constituída por um conjunto de normas e práticas que se transmitem e se transformam historicamente, não apenas dentro da instituição, mas também em sua relação com a sociedade”. Essa afirmação encontra eco no pensamento bakhtiniano, ao enfatizar que nenhuma prática escolar se realiza em isolamento, mas em constante interação com discursos e valores exteriores.

No contexto brasileiro, Xavier (2000) desloca a análise da história da educação do olhar institucional para a produção histórica de práticas e representações, indicando que eventos cívicos e escolares devem ser compreendidos como construções sociais que expressam relações de poder. Tal perspectiva converge com o quadro bakhtiniano, pois, se “o enunciado é inseparável das condições sócio-históricas de sua produção” (Volóchinov, 1929/1976, p. 95), os desfiles e festivais escolares podem ser interpretados como enunciados coletivos, nos quais se condensam sentidos de pertencimento, orgulho e distinção.

No caso específico da Ditadura Militar brasileira (1964–1985), pesquisas sobre desfiles cívicos e festividades escolares (Tanuri, 2000; Saviani, 2005) demonstram que tais práticas foram intensamente utilizadas como dispositivos de inculcação ideológica e de controle simbólico. Contudo, a perspectiva bakhtiniana permite ultrapassar a leitura unilateral da dominação: se o Estado buscava imprimir um sentido homogêneo de patriotismo, as múltiplas vozes que constituíam os eventos escolares produziam sentidos contraditórios e, por vezes, inesperados.

Como sintetiza Bakhtin (1992, p. 426), “todo discurso, por mais autoritário que seja, abre-se à possibilidade de réplica”. Nesse sentido, a rivalidade escolar durante o período ditatorial não pode ser vista apenas como imposição do regime, mas também como espaço dialógico de negociações simbólicas entre escolas, comunidades e sujeitos sociais.

Portanto, a revisão de literatura mostra que, embora a rivalidade escolar seja tematizada por diferentes abordagens — históricas, sociológicas e pedagógicas —, a matriz bakhtiniana oferece um aporte singular: compreender tais práticas como enunciados plurivocais, produzidos em contextos sócio-históricos específicos, nos quais coexistem vozes hegemônicas e contra-hegemônicas.

Essa chave interpretativa não apenas amplia a análise da cultura escolar, mas também possibilita reconhecer que a rivalidade não é um dado fixo ou uma tradição homogênea, mas um processo de produção de sentidos em constante disputa. A partir da perspectiva bakhtiniana, compreende-se que cada prática escolar — seja um desfile, uma apresentação cultural ou uma competição esportiva — constitui um enunciado social, permeado pela heteroglossia, isto é, pela presença simultânea de múltiplas vozes sociais em diálogo, tensão e conflito. Assim, o que para alguns atores pode representar prestígio e orgulho institucional, para outros pode significar exclusão, subordinação ou resistência. Nesse sentido, a rivalidade escolar revela-se como campo privilegiado para observar o movimento vivo da linguagem e da ideologia no interior da escola.

Ao evidenciar que “todo enunciado é orientado para uma resposta” (Volóchinov, 1929/1976, p. 94), a matriz bakhtiniana permite compreender que os sentidos da rivalidade nunca estão concluídos: eles são constantemente reelaborados nas interações entre escolas, estudantes, professores e comunidades locais. Como reforça Bakhtin (2003, p. 280), “o sentido nunca é acabado ou definitivo; ele se constitui no processo de interação dialógica”. Isso significa que, ainda que determinadas práticas escolares sejam instituídas com a intenção de reforçar hierarquias ou disciplinar corpos, os sujeitos nelas envolvidos podem ressignificá-las, produzindo leituras alternativas, resistências silenciosas ou mesmo inversões de sentido.

Dessa forma, analisar a rivalidade escolar a partir do quadro bakhtiniano desloca a compreensão do fenômeno de uma leitura puramente institucional para uma perspectiva que evidencia a produção discursiva e ideológica da escola como espaço de negociação simbólica. Em outras palavras, a escola não apenas organiza rivalidades, mas também cria arenas de circulação de discursos nos quais identidades, pertencimentos e desigualdades sociais são disputados, reforçados ou tensionados.

Ao problematizar a rivalidade como prática enunciativa, esta abordagem ilumina os modos pelos quais a cultura escolar se constitui em constante movimento dialógico, resistindo à cristalização e revelando-se sempre aberta a novos significados.

Rivalidade escolar, cultura e identidade

Xavier (2000) observa que práticas escolares devem ser compreendidas como construções sociais que estruturam subjetividades. Julia (2001) acrescenta que a cultura escolar integra normas, valores e rituais que orientam comportamentos. Nesse contexto, a rivalidade entre escolas nos eventos públicos funciona como mecanismo de distinção simbólica, produção de prestígio e afirmação de identidade coletiva, sempre atravessada pelo diálogo entre múltiplos sujeitos e vozes sociais.

Roldão (2016) evidencia que essas práticas também reproduzem desigualdades sociais, reforçando hierarquias e posições institucionais, enquanto permitem negociações de significado e reconhecimento social.

Assim, percebe-se que as festividades cívicas exerciam um papel sociopolítico e educacional, ao instituírem uma cultura de reverência e respeito exigida dos estudantes, ao mesmo tempo em que disciplinavam suas condutas. A escola pública, “[...] desde a Proclamação da República cumpriu a missão que lhe foi confiada: a de construir e preservar uma identidade nacional através do culto aos símbolos nacionais, a um passado glorioso e aos heróis nacionais”, como afirma Iwaya (2002, p. 4).

A força normativa da instituição escolar se manifestava na formação do “jovem certo”: o cidadão disciplinado, ordeiro e comprometido com o progresso. Durante a Semana da Pátria, esses jovens eram submetidos a diferentes atividades competitivas, que selecionavam os “melhores”, reconhecendo no mérito a condição de ascender simbolicamente à cidadania. Nesse processo, determinados símbolos adquiriram destaque e contribuíram para a consolidação de mitos nacionais.

Nessa lógica, os estudantes buscavam corresponder aos padrões exigidos: apresentavam-se uniformizados de forma impecável, obedeciam rigorosamente às ordens dos superiores e se mantinham em sincronia com o coletivo. Essas práticas evidenciam que a escola cumpria um papel decisivo na formação de um tipo específico de cidadão, moldado pela cultura de exaltação à Pátria.

Dessa maneira, é possível identificar, nos discursos vinculados pela imprensa, diferentes sentidos que estruturavam um sistema imaginário em torno da Semana da Pátria, da juventude e de sua função social, bem como do papel da escola naquele contexto. Nesse complexo discursivo historiográfico, observa-se que, para além das intenções originais, os ritos, as competições, o modelo educacional militarizado e a noção de cidadania liberal acabaram por fomentar também rivalidades internas, revelando as tensões presentes nesse processo de formação cívica.

Considerações finais

A rivalidade escolar deve ser compreendida principalmente como processo de produção de sentido social e cultural, atravessado por múltiplas vozes e disputas simbólicas. Desfiles, festivais e apresentações escolares são arenas dialógicas, nas quais significados de identidade, prestígio e pertencimento são construídos e negociados, nunca fixos ou universais (Volóchinov, 1929/1976; Bakhtin, 1986).

A matriz interpretativa histórico-cultural funciona como lente contextual, situando historicamente essas práticas e mostrando normas, tradições e representações culturais que influenciam o contexto, mas o foco central permanece a produção dialógica de sentido, evidenciando a dimensão social, ideológica e histórica da rivalidade escolar.

Compreender essa dinâmica contribui para uma visão crítica da escolarização, revelando como a escola organiza relações de poder, produz significados e molda identidades coletivas por meio de práticas educativas.

A análise das peças jornalísticas publicadas em *O Liberal* entre 1980 e 1989 revelou que as festas cívicas de setembro — especialmente as retretas, os jogos estudantis e os desfiles escolares — eram intensamente acompanhadas e valorizadas pela imprensa local, que produzia enunciados de exaltação ao civismo e ao mérito escolar. Nessas narrativas, escolas como o Colégio Paes de Carvalho e o Instituto de Educação do Pará (IEP) destacavam-se como protagonistas, frequentemente contrapostas em discursos que alimentavam comparações de desempenho, disciplina e “espírito patriótico”. As matérias enfatizavam a organização, a estética e a rivalidade entre determinadas instituições, reforçando hierarquias simbólicas e a lógica da competição escolar, ao mesmo tempo em que reproduziam o ideal nacionalista e disciplinador do período da Ditadura Militar.

Contudo, também emergiram, nas entrelinhas dessas reportagens, vozes dissonantes e tensões discursivas: comentários sobre improvisos, críticas a desigualdades de estrutura e menções ao entusiasmo popular que extrapolava os roteiros oficiais das comemorações. Esses elementos indicam que, apesar da tentativa de uniformizar

sentidos em torno do civismo e da ordem, as práticas cívicas e esportivas configuravam espaços de negociação simbólica, nos quais estudantes, professores e comunidades imprimiam significados próprios às celebrações.

Nesse horizonte, a perspectiva bakhtiniana mostrou-se fecunda para deslocar a compreensão da rivalidade escolar de uma leitura normativa ou institucional para a de um processo discursivo, em que significados nunca estão fixos, mas em constante movimento dialógico. Assim, a rivalidade não pode ser reduzida a tradição ou espírito competitivo, deve ser entendida como prática enunciativa que evidencia tanto a reprodução de hierarquias e desigualdades quanto a possibilidade de resistências e ressignificações.

Do ponto de vista da História da Educação, este estudo contribui ao destacar que festividades e rituais escolares funcionaram como dispositivos de formação cívica, consolidação de mitos nacionais e diferenciação simbólica entre instituições, sobretudo em contextos autoritários como o da Ditadura Militar. Ao mesmo tempo, revela que tais práticas, mesmo quando organizadas com intencionalidades hegemônicas, abriram espaço para contradições, tensões e disputas de sentido.

Por fim, reconhece-se que este trabalho não esgota a complexidade do tema. Pesquisas futuras podem aprofundar a análise comparativa de diferentes contextos históricos, investigar memórias de sujeitos que participaram desses eventos e explorar a permanência ou transformação das rivalidades escolares em práticas contemporâneas. O que se reafirma, entretanto, é que compreender a rivalidade como produção dialógica de sentidos permite ampliar o olhar sobre a cultura escolar, reconhecendo-a como espaço vivo de negociações simbólicas, onde identidade, poder e cidadania são permanentemente (re)construídos.

Referências

- Bakhtin, M. (1986). *Problemas da teoria do discurso*. Hucitec.
- Bakhtin, M. (2003). *Estética da criação verbal* (4. ed.). Martins Fontes.
- Chartier, R. (1990). *A história cultural: Entre práticas e representações*. Bertrand Brasil.
- Foucault, M. (1996). *Vigiar e punir: Nascimento da prisão* (20. ed.). Vozes.
- Iwaya, M. (2002). *Os rituais e o cotidiano escolar – Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto (1940–1960)*. <https://docplayer.com.br/14922909-Os-rituais-e-o-cotidiano-escolar-instituto-de-educacao-do-parana-professor-erasmo-pilotto-1940-1960-1.html>
- Julia, D. (2001). A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, (1), 9–43.
- Lopez, A. A. (2002). *Como descrever documentos de arquivo: Elaboração de instrumentos de pesquisa*. Arquivo do Estado; Imprensa Oficial.
- Roldão, C. (2016). *Escola, exclusão e desigualdades sociais*. Escolar Editora.
- Silva, V. L. G. da, & Petry, M. G. (2011). A aventura de inventariar: Uma experiência no Museu da Escola Catarinense. *Revista Brasileira de História da Educação*, 11(1), 19–42.
- Volóchinov, V. (1976). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Hucitec.

Xavier, L. N. (2000). *Matriz interpretativa histórico-cultural: Práticas escolares e historiografia da educação*. Autêntica.

Contribuições de Autores

Lorena Cristina Gonzaga Pereira: pesquisa e escrita

Livia Sousa da Silva: pesquisa e escrita

Uso de Inteligência Artificial (IA)

Os autores declaram que não utilizaram ferramentas de Inteligência Artificial na elaboração deste manuscrito.